



*O estresse entre os profissionais de enfermagem nas unidades
de atendimento de urgência e emergência:
Uma revisão de literatura*

Alice Junielly de Sousa Medeiros

Diplomada em Enfermagem e especialista em Urgência e Emergência
pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). Email: alicejmedeiros@hotmail.com

Maria de Magdala Nóbrega

Enfermeira, Mestre em Saúde Pública pela UFPB, docente das Faculdades Integradas de Patos-FIP
e Enfermeira Assistencial do Hospital e Maternidade Sinhá Carneiro, em Santa Luzia-PB.

Resumo: Trata-se de estudo no qual se adotou como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, objetivando mostrar que os profissionais de enfermagem que atuam nos serviços de urgência e emergência estão mais susceptíveis ao estresse, devido a vários fatores, principalmente, à natureza do trabalho e a ao excesso deste. Existe uma relação entre trabalho e saúde do trabalhador. No entanto, a manifestação patológica do estresse no ambiente de trabalho depende de como o indivíduo - enquanto um ser biológico, subjetivo, social e cultural - interage com este ambiente. Por sua vez, os trabalhadores da área de saúde ocupam uma das profissões campeãs do estresse, sendo classificada como a terceira, ficando atrás somente dos controladores de voos, motoristas de ônibus urbano, que ocupam o segundo lugar e dos policiais e seguranças privados que estão em primeiro lugar. A Enfermagem é apontada como uma das áreas mais estressantes e como o trabalhador de enfermagem geralmente possui mais de um vínculo empregatício, essa situação, diminui sua qualidade de vida. Esse quadro se agrava quando o profissional de Enfermagem atua numa Setor de Urgência e Emergência, em cujo ambiente de trabalho vive sobre constante estresse.

Palavras-chave: Profissional de Enfermagem. Estresse. Ambiente de Trabalho.

*Stress among professional nursing units service urgent
and emergency: a review of literature*

Abstract: This is the study which adopted methodological procedure bibliographic research, aiming to show that nurses who work in emergency services and emergency are more susceptible to stress due to several factors, especially the nature of work and the excess of this. There is a relationship between work and worker health. However, the pathological manifestation of stress in the workplace depends on the individual - as a biological, subjective, social and cultural - interacts with this environment. For their part, workers health professions occupy the champions of stress, being ranked third, behind only the flight controllers, urban bus drivers, who are second and police and private security guards who are first. Nursing is cited as one of the most stressful and how the nursing staff usually has more than one job, this situation reduces their quality of life. This condition worsens when the professional acts in Nursing Sector Emergency Department, in whose workplace lives under constant stress.

Keywords: Professional Nursing. Stress. Desktop.

1 Introdução

Em termos científicos, o estresse é uma resposta fisiológica e de comportamento de um indivíduo, que se esforça para adaptar-se e ajustar-se a estímulos internos e externos. Considerado como um grande vilão da vida 'pós-moderna' contemporânea, atualmente o estresse significa pressão, insistência e estar estressado significa estar sob pressão ou estar sob ação de um determinado estímulo insistente (DALRI; ROBAZZI; SILVA, 2010).

O estresse no trabalho ocorre quando o ambiente é percebido como uma ameaça ao indivíduo, repercutindo no plano pessoal e profissional, surgindo demandas maiores do que a sua capacidade de enfrentamento (GUERRER; BIANCHI, 2008).

Na concepção de Inocente et al. (2010), os fatores de estresse no trabalho estão associados a fatores do ambiente, à organização do trabalho e a fatores psicossociais do trabalho.

Miranda e Stancato (2008) afirmam que o estresse é um problema mundial e é um fator de grande

preocupação, onde as pressões e cobranças do dia-a-dia e a alta competitividade no trabalho e na vida social, resultam no comprometimento do desempenho de profissionais altamente qualificados, acrescentando ainda que na área de saúde vive-se uma realidade de trabalho cansativo e desgastante para os trabalhadores, em que as pessoas convivem com a dor e o sofrimento.

No que diz respeito aos serviços de urgência e emergência, estes se caracterizam por atendimento imediato e provisório, tendo como clientela vítimas de trauma ou doenças imprevistas (SILVA et al., 2011).

Acrescentam Carret et al. (2011) que tais pacientes necessitam de atendimento rápido e eficaz. E, que essa necessidade torna, muitas vezes, o setor de urgência e emergência um ambiente altamente estressante, exigindo o tempo todo da equipe de assistência que execute suas atividades observando os valores éticos, utilizando-se do conhecimento técnico e das tecnologias disponíveis no setor.

Pelo demonstrado, o trabalho nos serviços de emergência, além do conhecimento amplo sobre situações de saúde, exige do profissional o domínio sobre o processo de trabalho, tendo como foco a redução do risco de morte. O presente trabalho tem por objetivo mostrar que os profissionais de enfermagem que atuam nos serviços de urgência e emergência estão mais susceptíveis ao estresse, devido a vários fatores, principalmente, à natureza do trabalho e a ao excesso deste.

Na presente pesquisa, adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, na qual, utilizaram-se livros, periódicos e artigos online, estes últimos, colhidos nas principais bases de pesquisa, a exemplo da Scielo, Bireme, BVS e CAPES.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Estresse: conceito e considerações iniciais

Várias são as definições apresentadas para o termo estresse. Contudo, todas fazem referência ao esforço físico ou mental promovido pelo indivíduo, além de sua capacidade como ser humano.,

Registram Miguel e Noronha (2007, p. 16), que "o termo estresse, tem sido amplamente utilizado por leigos e costuma ser compreendido pela maioria das pessoas na linguagem cotidiana, referindo-se a uma situação que causa pressão e desconforto sobre o indivíduo".

Silva et al. (2011), afirmam que a palavra *stress* (derivada do latim) foi primeiramente utilizada na física, indicando o desgaste sofrido por materiais expostos a pressões ou forças e que no sentido psicológico, foi utilizada pela primeira vez ainda no século XVIII.

Na área da saúde, o termo estresse foi usado pela primeira em 1926, por Hans Selye, na época estudante de medicina, ao perceber que muitas pessoas sofriam de várias doenças físicas e apresentavam algumas queixas em comum, a exemplo de fadiga, hipertensão, desânimo e falta de apetite. Em 1936, já endocrinologista, Selye introduziu o referido termo para designar uma síndrome produzida por vários agentes nocivos (PIEIDADE; SANTOS; CONCEIÇÃO, 2012).

Observam Lima e Lima-Filho (2009), que o termo estresse é usado indiscriminadamente com as conotações

de tensão nervosa, cansaço, fadiga e irritação. No entanto, este termo trata de um conjunto de reações orgânicas e psíquicas de adaptação que o organismo 'emite', quando exposto a qualquer estímulo que irrite, excite, amedronte, ou mesmo o faça muito feliz.

Silva et al. (2011) destacam que as pessoas estressadas apresentam algumas modificações visíveis de comportamento, havendo, em primeiro lugar, uma perda da autoestima e da autoconfiança, depois, o surgimento dos problemas com o sono caracterizado pela insônia. E, que há ainda, manifestações de agressividade e o início de consumo excessivo de álcool, fumo e drogas.

Miguel e Noronha (2007), afirmam que o estresse pode ser gerado pelas seguintes situações: excitação emocional, esforço excessivo, fadiga, dor, medo, concentração, humilhação, e sucesso grande e inesperado. Explicando essas situações, os referidos autores afirmam que a excitação psicológica pode ser considerada como um dos mais frequentes eliciadores do quadro de estresse.

Afirmam Silva et al. (2011), que não só apenas os eventos catastróficos podem provocar desordem e estresse. Eventos cotidianos também podem acarretar algum estresse e risco, de maneira que a sucessão de eventos estressores, mesmo que estes sejam brandos, pode se tornar cumulativa e provocar efeitos na resistência do organismo.

Analisando esta citação, percebe-se que o estresse é algo que não aparece de uma hora para outra. Na concepção de Lima e Lima-Filho (2009), o estresse não é doença e sim uma tentativa de adaptação do organismo, que lança mão de suas energias para lutar ou fugir.

Silva et al. (2011) afirmam que as manifestações do estresse são de origem fisiológica, provocando reações, que em excesso na sua intensidade ou duração, podem levar a um desequilíbrio no organismo. E, que o estresse desencadeia processos fisiológicos no organismo, para que, o mesmo tenha capacidade de adequar-se às novas situações que o indivíduo esta enfrentando ou posteriormente já enfrentou.

Assim, a ocorrência do estresse patológico pode resultar das mais variadas situações presentes no dia a dia, desde o trânsito nas grandes cidades até um ambiente de trabalho em uma fábrica, por exemplo.

2.1.1 Sintomas

Dissertando o surgimento do estresse, Miranda e Stancato (2008) afirmam que dentre os sintomas que aparecem no quadro de estresse, destacam-se as seguintes manifestações físicas:

- a) maior circulação de sangue, com coração batendo acelerado e respiração mais rápida;
- b) palidez, com mãos e pés frios, devido ao sangue ter sido retirado das zonas periféricas;
- c) aumento da sudorese;
- d) tensão muscular, que pode levar a contrações musculares involuntárias;
- e) diminuição da resistência imunológica; e
- f) redução de outras atividades não ligadas à sobrevivência imediata, como a digestão.

Complementando esse pensamento, Cova e Martino (2009) afirmam que em termos psicológicos, o estresse pode apresentar vários sintomas, tais como:

ansiedade, angústia, insônia, alienação, dificuldades interpessoais, dúvidas quanto a si próprio, preocupação excessiva, incapacidade de concentrar-se em outros assuntos que não o relacionado ao estressor, dificuldades de relaxar, tédio, ira, depressão e hipersensibilidade emotiva. É importantes destacar que os sintomas do estresse podem ser classificados quanto à sua natureza, dividindo-se em psicológicos, psicossomáticos e de conduta.

Nesse sentido, acrescentam Cova e Martino (2009, p. 155), que "os principais sintomas psicossomáticos associados referem-se ao aparecimento de cefaleias, tensões musculares, hipertensão arterial e outros", enquanto que as alterações mais frequentemente observadas na conduta são: o absentismo ao trabalho, a conduta violenta e a incapacidade para relaxar, além do aumento do consumo de tabaco, álcool, fármacos, entre outros.

Contudo, na dimensão emocional, segundo Silva et al. (2011), o paciente com estresse pode apresentar: impaciência, irritabilidade, distanciamento afetivo e ansiedade e redução da capacidade de elaboração de juízos. Deve-se registrar que o conjunto desses sintomas influi diretamente no inter-relacionamento pessoal e, conseqüentemente, na relação profissional.

2.2 Fases do estresse

2.2.1 Fase de alarme (reação aguda)

Essa fase é desencadeada quando o cérebro interpreta situações de tensão, como emprego novo, promoção, aprovação, salário congelado ou nova paixão. Portanto, esta fase se relaciona com ocorrências como mudanças súbitas e ameaçadoras na posição social e/ou relações do indivíduo (LIMA; LIMA-FILHO, 2009).

Silva et al. (2011) afirmam que a fase de alerta inicia-se com a reação de alerta ou alarme do sujeito frente ao evento considerado estressor, acrescentando que as reações orgânicas desenvolvidas nessa fase são: dilatação das pupilas; estimulação cardíaca (taquicardia, palpitação); hipertensão arterial; respiração ofegante; aumento na possibilidade de coagulação do sangue; liberação de açúcar armazenado pelo fígado para os músculos; redistribuição da reserva sanguínea da pele e vísceras para os músculos e cérebro; frieza nas mãos e pés (extremidades)

Deve-se registrar que nessa fase, quando o indivíduo consegue lidar ou eliminar os agentes agressores, o organismo volta à situação básica de equilíbrio interno (homeostase). Caso contrário, ocorre a evolução desta fase para as seguintes.

2.2.2 Fase de resistência intermediária (estresse contínuo)

Miranda e Stancato (2008) explicam que essa fase ocorre quando o estressor perdura por um período muito prolongado, havendo um aumento da capacidade de resistência do organismo. E que nela há plena adaptação ao estressor, ficando a atividade mais intensa em função do sistema parassimpático, possuindo o efeito de desmobilizar o corpo, pois este abaixa novamente o nível de alerta.

Explicam Carret et al. (2011), que neste estágio, o organismo continua em busca de um ajuste à situação. Acrescentam aqueles autores que toda essa mobilização de energia pode trazer as seguintes conseqüências:

- a) redução da resistência orgânica às infecções.
- b) sensação de desgaste provocadora de cansaço e lapsos de memória; e
- c) supressão de funções corporais relacionadas com o comportamento sexual e reprodutor, e crescimento como atraso ou supressão da puberdade, diminuição do apetite sexual, impotência, desequilíbrio ou supressão da menstruação, falta de evolução ou falha no óvulo fertilizado ao encaminhar-se para o útero, aumento de abortos espontâneos e dificuldades na amamentação.

2.2.3 Fase de exaustão (esgotamento)

Miranda e Stancato (2008), afirmam que nessa fase, os sintomas da fase de alerta reaparecem mais acentuados e outros desenvolvem-se, tornando o organismo mais suscetível a doenças, acrescentando ainda que essa fase caracteriza-se pela incapacidade dos mecanismos responsáveis pela busca da adaptação do organismo aos efeitos dos estressores permanecerem por tempo prolongado.

É importante destacar que nessa fase ocorre a queda da imunidade, fazendo surgir várias alterações orgânicas e/ou doenças (LIMA; LIMA-FILHO, 2009).

Na forma demonstrada, o estresse torna-se intenso e, conseqüentemente, esgota toda a energia adaptativa do organismo, deixando o indivíduo mais vulnerável.

2.3 O estresse no ambiente de trabalho

Existe uma relação entre trabalho e saúde do trabalhador. No entanto, a manifestação patológica do estresse no ambiente de trabalho depende de como o indivíduo (enquanto um ser biológico, subjetivo, social e cultural) interage com este ambiente (DALRI; CARMO; SILVA, 2010).

Para Guerrer e Bianchi (2008), o estresse no trabalho é decorrente da inserção do indivíduo nesse contexto, pois o trabalho, além de possibilitar crescimento, transformação, reconhecimento e independência pessoal, também causa problemas de insatisfação, desinteresse, apatia e irritação.

Observam ainda aqueles autores que há uma estreita ligação entre o trabalho e o trabalhador, com a vivência direta e ininterrupta do processo de dor, morte, sofrimento, desespero, incompreensão, irritabilidade e tantos outros sentimentos e reações desencadeadas pelo processo doença. Silva et al. (2011), ressaltam que dependendo da forma como o trabalho está organizado e de como ele é executado pelo trabalhador, podem ser gerados efeitos negativos, dentre os quais estão situações que podem levá-lo ao adoecimento e à morte.

Gomes (2006), afirma que o estresse no trabalho muitas vezes é equivocadamente confundido com o desafio. Por outro lado, a maioria das pessoas quando vivencia uma situação desgastante apresenta reações de estresse associados a diversos mecanismos patogênicos, cognitivos, afetivos, de conduta ou fisiológicos (SILVA et al., 2011).

A vulnerabilidade dos indivíduos ao estresse depende da sua habilidade para lidar com os eventos estressores. Por sua vez, a Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta o estresse como o mal do século, ou seja, uma 'epidemia global' sem grupo de risco definido (LIMA; LIMA-FILHO, 2009).

2.4 Os fatores que causam insatisfação

Vários são os problemas ligados às questões profissionais. E, estes problemas são responsáveis pela produção da (in) satisfação no espaço de trabalho. Tais problemas, na concepção de Ramos (2008), constituem uma preocupação reconhecida tanto entre os investigadores, quanto entre os profissionais e as próprias instituições. No estudo das investigações desses problemas é importante considerar as possíveis influências, que tais questões imprimem no comportamento social e profissional do trabalhador.

A insatisfação no trabalho pode gerar problemas de relacionamento no ambiente de trabalho, enquanto que esse mesmo ambiente pode produzir 'enfermidades ocupacionais', comprometendo a saúde física e mental do indivíduo. Entre essas enfermidades ocupacionais, pode-se citar o estresse, distúrbio emocional que vem ganhando destaque na sociedade atual, em todos os campos de trabalho (CARRET et al., 2011).

A satisfação no trabalho também proporciona uma melhor saúde física e mental, e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida. Por essa razão, é de fundamental importância que a organização identifique os fatores determinantes para a satisfação no trabalho, efetivando-os através de programas de melhoria (JORGE et al., 2008).

Deve-se destacar que a existência de programas de prevenção e promoção de saúde, no ambiente de trabalho, pode ser fonte de satisfação e de realização profissional. Para evitar o estresse, o profissional deve utilizar seu tempo livre de maneira benéfica e satisfatória, praticando algum esporte que não envolva competição.

Deve procurar relaxar, alimentar-se correta e saudavelmente. Agindo assim, não será prejudicado se trabalhar duro e por horas prolongadas. O importante é que equilibre o esforço com intervalos regulares.

Destacam Piedade, Santos e Conceição (2012, p. 29) que quando o estresse ocupacional ultrapassa os níveis adaptativos, atingindo estado bastante avançado, "poderão surgir conjuntos de sintomas físico-comportamentais que interferem diretamente na capacidade laboral denominado de Síndrome de Burnout".

Por sua vez, essa síndrome é considerada como "um tipo de estresse de caráter persistente vinculado a situações de trabalho, resultante da constante e repetitiva pressão emocional associada com intenso envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo" (CARLOTTO, 2002, p. 21).

Em síntese, a Síndrome de Burnout, é evidenciada por exaustão emocional, apatia extrema, desinteresse pelo trabalho e lazer, depressão, alterações de memória e humor, fadiga, enxaqueca, dores musculares e distúrbios do sono (LIMA; LIMA-FILHO, 2009).

2.5 O profissional de enfermagem que atuam na urgência-emergência e o estresse

Os trabalhadores da área de saúde ocupam uma das profissões campeãs do stress, sendo classificada como a terceira, ficando atrás somente dos controladores de voos, motoristas de ônibus urbano, que ocupam o segundo lugar e dos policiais e seguranças privados que estão em primeiro lugar. As profissões da área de saúde em geral sofrem pressões de todos os lados, tanto dos clientes/pacientes ou subordinados (MIRANDA; STANCATO, 2008).

Nesse contexto, o trabalho do profissional de enfermagem, por sua própria natureza e características, revela-se especialmente suscetível ao fenômeno do estresse ocupacional. Desse pensamento compartilha Salomé, Martins e Espósito (2009), quando afirmam que a enfermagem está inserida em setores da saúde considerados desgastantes, tanto pela carga de trabalho, quanto pela especificidade das tarefas.

Cavalheiro, Moura Júnior e Lopes (2008) afirmam que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) reconhece que praticamente todas as profissões padecem de estresse. No entanto, a enfermagem é apontada como uma das mais estressantes, sendo, por isso, alvo de estudos.

Jodas e Haddad (2009) afirmam que a Health Education Authority classifica a Enfermagem como sendo a quarta profissão mais estressante, acrescenta que isto ocorre, principalmente, devido à falta de reconhecimento nítido entre o público, elevando a despersonalização do trabalhador em relação à profissão e às dificuldades em delimitar os diferentes papéis da profissão.

No entanto, observam Guerrer e Bianchi (2008), que o enfermeiro que possui habilidade de reconhecer o processo de estresse é capaz de identificá-lo também no paciente, possibilitando um melhor cuidado, acrescentando que as funções que tais profissionais desempenham são bastante diversificadas e compreendem atividades tanto de natureza simples, quanto complexa, as quais requerem constantes adaptações frente a situações novas.

O trabalho desses profissionais também é permeado por situações consideradas estressoras, e somado a isso, podem existir fatores relacionados ao cotidiano, à vida social e pessoal, que dificultam as adaptações do indivíduo.

Destacam ainda Cavalheiro, Moura Júnior; Lopes (2008) que os enfermeiros encontram-se expostos a fatores de risco de natureza física, química e biológica, que justifica a inclusão da profissão de enfermagem no grupo das profissões desgastantes. E, que o trabalhador de enfermagem geralmente possui mais de um vínculo empregatício e essa situação, diminui sua qualidade de vida. Por outro lado, Guerrer e Bianchi (2008), classificaram e agruparam em categorias os estressores relacionados com a enfermagem, da seguinte forma: problemas de comunicação com a equipe; inerente à unidade; assistência prestada; interferência na vida pessoal, e atuação do enfermeiro.

A carga de trabalho é o estressor mais proeminente na atividade do enfermeiro, além dos conflitos internos entre a equipe e a falta de respaldo do profissional de

enfermagem, sendo a indefinição do papel profissional um fator somatório aos estressores (MIRANDA; STANCATO, 2008).

Em síntese, os trabalhadores da saúde, mais especificamente a equipe de enfermagem, que atuam nas unidades de urgência e emergência, vivem sobre constante estresse.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No exercício da atividade profissional na área da saúde, diversos fatores estressores encontram-se presentes. Às vezes, tais fatores encontram-se relacionados à natureza da função do profissional, outras vezes, estão vinculados ao contexto institucional e social, no qual, esse profissional exerce suas funções, bem como à demanda pelo atendimento. No que diz respeito aos setores de urgência e emergência, os fatores estressantes são reforçados pela área física, e, como uma grande frequência, pela ausência de materiais/equipamentos necessário para promover o atendimento à população.

A análise do material bibliográfico selecionado para fundamentar o presente trabalho, proporcionou a constatação de que a atuação do profissional de enfermagem se encontra entre as atividades considerada uma das mais estressantes. E, que essa situação é proporcionada por vários fatores, dentre os quais se destacam a pouca valorização que se dá ao trabalho desenvolvido por esse profissional.

Nos setores de urgência e emergência, o estresse entre os profissionais de enfermagem se torna algo mais frequente devido a vários fatores, que vão desde da estrutura física onde o atendimento é promovido à falta de equipamentos para proporcionar uma boa assistência e salvar vida, passando pela carga excessiva de trabalho à qual está submetida esse profissional.

Embora conheçam os principais fatores de estresse presentes no trabalho, os profissionais de enfermagem que atuam nas unidades de urgência e emergência não os associam com as doenças, os problemas de saúde e às alterações psicofisiológicas que os acometem. E esta realidade demonstra o quanto o tema abordado no presente trabalho necessita ser discutido e trabalho junto aos profissionais de enfermagem.

4 Referências

- CARLOTTO, M. S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 21-29, 2002.
- CARRET, M. L. V. et al. Características da demanda do serviço de saúde de emergência do sul do Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1069-79, 2011. Suplemento 1.
- CAVALHEIRO, A. M.; MOURA JÚNIOR, D. F.; LOPES, A. C. Estresse de enfermeiros com atuação em unidade de terapia intensiva. **Rev. Latino Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 1-8, jan. 2008.
- COVA, R. C. P.; MARTINO, M. M. F. Estudo do estresse do enfermeiro com dupla jornada de trabalho em um hospital de oncologia pediátrica de Campinas. **Rev Esc Enferm USP**, v. 38, n. 2, p. 152-160, 2009.
- DALRI, R. C. M. B.; CARMO; M. L. C. R.; SILVA, L. A. Riscos ocupacionais e alterações de saúde entre trabalhadores de enfermagem brasileiros de unidade de urgência e emergência. **Ciencia e Enfermería, Concepción**, v. 16, n. 2, p. 15-23, ago., 2010.
- GOMES, F. S. Avaliação da satisfação e estresse no trabalho entre funcionários de uma unidade de alimentação e nutrição no Rio de Janeiro. **CERES**; v. 1, n. 1, p. 29-42, 2006.
- GUERRER, F. J. L.; BIANCHI, E. R. F. Caracterização do estresse nos enfermeiros de unidade de terapia intensiva. **Rev. Esc. Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 355-362, jun. 2008.
- INOCENTE, J. J. et al. Disfunção temporomandibular: insônia e aspectos emocionais. In: REIMÃO, R. **Avanços em medicina do sono**. 3 ed. São Paulo: Associação Paulista de Medicina, 2010.
- JODAS, D. A.; HADDAD, M. C. L. Síndrome de Burnout em trabalhadores de enfermagem de um pronto socorro de hospital universitário. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 22, n.2, p. 192-7, 2009.
- JORGE, A. T. et al. Fatores de risco associados à satisfação no trabalho em trabalhadores de nutrição hospitalar. **Saúde, Ética & Justiça**, v. 13, n. 2, p. 95-103, 2008.
- LIMA, M. F. E. M.; LIMA FILHO, D. O. Condições de trabalho e saúde do/a professor(a) universitário(a). **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 3, p. 62-82, 2009.
- MIGUEL, F. K.; NORONHA, A. P. Estudo dos parâmetros psicométricos da escala de vulnerabilidade ao estresse no trabalho. **Avaluar**, v. 7, n. 1, p. 1-18, 2007.
- MIRANDA, E. J. P. de; STANCATO, K. Riscos saúde de equipe de enfermagem em unidade de terapia intensiva: proposta de abordagem integral da saúde. **Rev. Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 20, n. 1, p. 68-76, 2008.
- PIEDEDE, M. I. G.; SANTOS, Q. S. I.; CONCEIÇÃO, C. S. Estresse ocupacional do enfermeiro na unidade de terapia intensiva. **Caderno Saúde e Desenvolvimento**, v. 1, n. 1, p. 27-42, jul- dez., 2012.
- RAMOS, S. I. V. Grau de satisfação/insatisfação docente dos estagiários de ciências do desporto e Educação Física. **Psicologia.com.pt: O Portal dos Psicólogos** (2008). Disponível in: www.psicologia.com.pt/artigos/textos. Acesso 10 jun 2013.
- SALOME, G. M.; MARTINS, M. F. M. S.; ESPOSITO, V. H. C. Sentimentos vivenciados pelos profissionais de enfermagem que atuam em unidade de emergência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 6, p. 856-62, 2009.
- SILVA, A. T. et al. O trabalho da enfermagem no serviço de emergência: o estresse e a satisfação. **Ciência et Praxis**, v. 4, n. 8, p. 19-26, 2011.

Recebido em 07/08/2013

Aceito em 03/09/2013